

## DO DESIGN AUTORAL AO DESIGN EDITORIAL: A EXPRESSÃO GRÁFICA DO LIVRO

JULIA REINHARDT<sup>1</sup>; ESTELA DELANOY POLIDORI<sup>2</sup>; TALINE SABANY  
VELASQUES<sup>2</sup>; ANA BANDEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - [juliasr@hotmail.com.br](mailto:juliasr@hotmail.com.br)  
<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [estela.polidori@gmail.com](mailto:estela.polidori@gmail.com)  
Universidade Federal de Pelotas - [talinesv@gmail.com](mailto:talinesv@gmail.com)  
<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - [anaband@gmail.com](mailto:anaband@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

No projeto de pesquisa sobre autoria em design intitulado "O designer como autor", idealizado e coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Lúcia Weymar, do Curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas, encontramos espaço para estudar acerca da autoria em design. O primeiro a publicar a respeito foi Roland Barthes (BARTHES apud WEYMAR, 2010) que, apocalíptico, apregoa a morte do autor dizendo que o único tempo que importa é o da enunciação, momento no qual, quem fala, é a linguagem. A linguagem, para Barthes (BARTHES apud WEYMAR, 2010), é como uma trama com milhares de culturas diferentes cujos fios são apenas mesclados pelo autor, mas não controlados. Por consequência, esse tal pensamento leva ao total esquecimento do autor em prol do leitor: o único capaz de tornar o texto uno, entendendo "cada palavra em sua duplicidade" (WEYMAR, 2010, p. 113).

Um ano depois, numa resposta não admitida, Michel Foucault o contesta: o autor não morreu, na verdade, a atual situação do autor é mais complexa. Para ele, existe a noção de escrita, a qual uma vez negada põe o autor em uma paradoxal realidade, uma transcendência (FOUCAULT apud WEYMAR, 2010). Na verdade, o sujeito, entre as especificações de suas variadas funções, é capaz da de autoria, e, numa sociedade, existem discursos providos e desprovidos dessa função. Para o *design* e para nosso trabalho, importa realmente dizer que o autor é um ponto de convergência de expressão e que transforma, a partir de um tratamento específico, um discurso (FOUCAULT apud WEYMAR, 2010, p. 115).

Acreditamos que esse discurso importa, pois revive o valor do sujeito autor e é sob esta ótica que o designer Michael Rock analisa as possibilidades acerca de um design menos neutro e mais autoral. Isso mostra que existe uma atual atenção a esse tipo de abordagem que distancia a nós, designers, do posto de "facilitadores sem rosto" (ROCK apud WEYMAR, 2010, p. 120).

A ideia de design como procedimento neutro é uma herança da época do modernismo onde discursos sobre tipografia, por exemplo, diziam que:

A melhor fonte tipográfica existe meramente para comunicar uma ideia. Ela não está lá para ser notada, muito menos admirada. Quanto mais os leitores se dão conta do tipo ou do layout de uma página, pior é a fonte tipográfica. É como o vinho; quanto mais transparente é a taça, melhor seu conteúdo pode ser apreciado (WARDE apud FASCIONE, 2011).

A partir desse momento histórico, o designer adquire o *status* de mediador e se afasta, através dos anos, cada vez mais, do *status* de autor. O design autoral, então, procura outra forma de expressão que não a de, simplesmente, transpor uma mensagem pronta para um produto final.

Neste trabalho, iniciamos uma investigação acerca dessa possível categoria paralela à prática do design neutro e nos perguntamos se (e como) projetos autorais poderiam existir num cenário onde estes profissionais são pagos para conceber mensagens específicas, trabalhando de forma colaborativa, na qual a origem das ideias é incerta. Para tanto, utilizamos dois modelos apresentados por Rock (1996): o “livro de artista”, que trabalha com experimentos visuais e não comerciais e o “*Big Book*”, caracterizado por projetos de larga escala, em que o designer é chamado para a criação de narrativas. A partir desses criamos uma nova possibilidade que englobaria ambos: um livro de artista sobre outro autor.

Nosso objeto de pesquisa, Vitor Alves Ramil, é conhecido tanto por suas letras que fogem do lugar comum, como por suas composições de milongas, estilo musical recorrente na região dos pampas. Assim, nosso trabalho consiste em 1º) analisar e criticar os discursos produzidos acerca do design autoral e com isso 2º) produzir um livro sobre Vitor Ramil, divulgando a possibilidade do uso prático da teoria do design autoral no design editorial e, conseqüentemente, 3º) explicitar a experiência de pesquisa percorrida por suas autoras ao longo da trajetória de construção deste livro.

## 2. METODOLOGIA

A proposta desta etapa do projeto soma-se às já criadas capas do livro na disciplina de Design Editorial e visa, além de definir conceitos<sup>1</sup> e delimitar um projeto gráfico<sup>2</sup>, construir o conteúdo imagético e textual que, de fato, fará parte da peça pretendida. Um dos objetivos do trabalho é contemplar os diferentes traços de suas autoras, preservando uma identidade e uniformidade visual. Sendo assim, o livro foi dividido em três capítulos que são caracterizados individualmente através dos enfoques diferenciados de cada autora: 1º) ilustração; 2º) fotografia e 3º) tipografia.

O primeiro capítulo tem como objetivo expor uma parte da obra musical de Vitor através da ilustração. Estas ilustrações se configuram em elementos identificadores do próprio estilo da autora, além de possuírem relações conceituais com a obra de Vitor. Dois conceitos norteiam esta produção: geometrização e solidão. Há ilustrações mais estáticas, rígidas e geometrizadas, através das quais pretendemos transmitir a ideia de Vitor que “o frio geometriza as coisas” (RAMIL, 2008). Não há dúvidas de que o frio impõe-se como importante elemento construtivo da obra do cantor.

(...) que o frio era o elemento identitário imediato de sua vida, o frio e não o calor; que o frio era um clima secundário em seu país natal, sendo, porém, característico de sua região de origem; que o frio expressava uma afinidade profunda entre sua vida, sua obra e suas aspirações estéticas (FISCHER apud RAMIL, 2013, p. 10).

O segundo conceito deste capítulo está presente através do termo “solidão”, considerado um dos mais recorrentes nos trabalhos de Ramil.

Este sentimento está representado através de ilustrações mais gestuais, menos rígidas, algo semelhante à aquarela. Estes dois formatos de ilustração estão

<sup>1</sup> POLIDORI, Estela D.; et al. **Do design autoral ao design editorial: um livro sobre Vitor Ramil**. Integra Design Iniciação Científica UFPEL 2012. No prelo.

<sup>2</sup> POLIDORI, E. D.; et al. **Do design autoral ao design editorial: A cara do livro**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UFPEL. Pelotas, 2012.

dispostos nas páginas de maneiras diferentes, podendo estabelecer (ou não) relações com a parte textual, presente através dos trechos das músicas que identificam o que está sendo representado.

O segundo capítulo, por sua vez, faz uso eminente de fotografias. A partir da interpretação da leveza de Calvino apresentada por Vitor, construímos uma narrativa sensível, onde detalhes sutis e particulares do frio são expostos por meio de retratos e paisagens em preto e branco.

O escritor Ítalo Calvino escreveu sobre sua ideia de leveza: Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, (...) preciso mudar de ponto de observação, preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, uma outra lógica. (RAMIL, 2004, p.20).

Títulos e fragmentos acompanham as fotos, e, já que construídos em conjunto a elas, revelam justificativas de situações corriqueiras de um dia-a-dia de inverno. Assim como se preocupou Vitor, esses discursos também tangenciam nosso “bairrismo” (como popularmente adjetivamos discursos que enaltecem nosso estado detrimento de outros) e também outras simplificações essencialistas. Contudo, a busca do autor por uma estética particular do Rio Grande do Sul, assim como o frequente estranhamento gaúcho frente às generalizações do que seria um indivíduo “brasileiro”, denuncia a necessidade (ainda) atual da busca e da visibilidade de uma identidade nossa. E talvez seja necessário, nesse sentido, pagar agora o preço de simplificações que, mais tarde, poderão não ser mais suficientes para nos definir.

De modo a enriquecer tal narrativa imagética, é explorada não só a diagramação, mas, também, as páginas utilizadas como suporte. Para isso, às vezes elas têm cor e, em outras, dobras nas quais o tempo de leitura se estende e contrai, contribuindo com a mensagem.

O terceiro capítulo, por fim, possui enfoque visual na tipografia e apresenta trechos do livro *Estética do Frio* (Ramil, 2004) relacionados com a proposta definida para o projeto de livro. A proposição, neste caso, é a de que os trechos escolhidos, de poucas palavras, pudessem transmitir - ainda que em parte - a essência do que se propôs Vitor. Mais do que isso, pretende contemplar o sentimento separatista que, voluntária ou involuntariamente a maioria dos gaúchos possui. Os trechos são ilustrados página a página e seguem uma paleta de cores frias. Além disto, há uma diferenciação quanto ao suporte destas páginas; o papel utilizado é o vegetal, com aspecto translúcido, mostrando parte do conteúdo das páginas subsequentes. À parte, as páginas trazem a informação clara e legível, porém, ao vislumbrar o livro aberto logo após a entrada do capítulo, é possível perceber uma sobreposição das páginas, tornando a tipografia não mais texto e sim, imagem – despreocupando-se, propositalmente, com sua legibilidade. Relacionamos o uso das páginas em papel vegetal com a proposta das autoras e de Vitor que possui uma ligação com a própria cidade de Pelotas e suas condições climáticas; de inverno úmido e chuvoso, além dos dias de alta neblina (popularmente chamada de cerração) ao amanhecer e anoitecer; por vezes, durante o dia todo, diminuindo a visibilidade ao caminhar pelas ruas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os três capítulos apresentados estão ligados através de dois elementos principais: as entradas de capítulo e os três modelos de capa. As entradas de capítulo possuem a mesma diagramação e disposição de elementos, apenas diferenciando o caráter de cada parte e o nome de cada autora. As capas foram

projetadas a partir de um mesmo conceito: “janela”, que poeticamente significa permissão de passagem de pensamentos, formação de ideias e novas possibilidades. O cantor Vitor Ramil utiliza-se destas janelas ao criar conceitos e nomes particularizados, proporcionando novas visões e conceitos formadores do Rio Grande do Sul.

#### 4. CONCLUSÕES

Após o estudo de conceitos e definições de design autoral buscamos, através de um projeto editorial, abordar, ilustrar e, sobretudo, homenagear, as diversas facetas do cantor, escritor e compositor Vitor Ramil. A escolha deste artista se deu, não só devido à admiração pessoal, mas também pelo fato de Vitor se relacionar de maneira especial com este conceito de autor. Segundo Fischer, Vitor exerce “plena posse intelectual e prática sobre todos os elementos e todas as fases de sua criação, como um artesão anterior à crua lógica de mercado e do capital” (FISCHER in RAMIL, 2013, p.13). Os resultados até aqui obtidos são considerados coerentes com a proposta inicial do projeto e satisfatórios.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FASCIONE, Lígia. **Cristal tipográfico**. 2011. Disponível em: <<http://www.ligiafascioni.com.br/2011/09/cristal-tipografico/>> Acesso em: 01/09/2013.

POLIDORI, Estela D.; REINHARDT, Julia S.; VELASQUES, Taline S. **Do design autoral ao design editorial: um livro sobre Vitor Ramil**. Integra Design Iniciação Científica UFPEL 2012. No prelo.

POLIDORI, Estela D.; REINHARDT, Julia S.; VELASQUES, Taline S. **Do design autoral ao design editorial: A cara do livro**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UFPEL. Pelotas, 2012.

RAMIL, Vitor. **Estética do Frio**. Pelotas, Satolep Livros, 2ª Ed. 2009.

\_\_\_\_\_. **Um olhar melancólico, ou A estética do frio, ou Não me venhas com milongas...**: entrevista. [março, 2001]. Rio de Janeiro: Portal Não Til. Disponível em: <<http://www.nao-til.com.br/nao-76/entrevis.htm>> Entrevista concedida a Paulo César Teixeira.

\_\_\_\_\_. **Vitor Ramil – Song Book** / Vitor Ramil. Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2013. 312p. 22cm.

SAMARA, Timothy. **Grid - Construção e desconstrução**. São Paulo. Cosac Naify, 2007.

WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. **Design entre aspas: indícios de autoria nas marcas da comunicação gráfica**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade dos Meios de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2010.